

Escrita Epistolar – cartografias de uma epistemologia feminista ¹

Escritura Epistolar - cartografías de una epistemología feminista

Epistolary Writing - Maps of a feminist epistemology

Camila Ribeiro de Almeida Rezende ²

Resumo

A estética de um texto acadêmico não reflete somente nossas influências teóricas; ela é, antes de tudo, um meio de expressão. Deste modo, a escolha por como escrever um texto não está relacionada apenas ao molde que se é cobrado, ela é também baseada em uma biblioteca de referências que vamos nutrindo. Quando nos questionamos sobre as influências teóricas que fundam nossos saberes, há em suas bases muitas mulheres? Dentre elas, há muitas mulheres negras? Quais são as nacionalidades? E pensando no gênero acadêmico, como os grupos sócio-acêntricos se comportam diante da cobrança de uma escrita padrão? Nessa estética, que também é ética, o que se imprimem/exprimem deles? Partindo desses questionamentos como dispositivos, busco refletir neste artigo sobre a escrita acadêmica, focando nas implicações epistemológicas existentes entre a forma e o conteúdo. O gênero acadêmico é técnico e regulado e, portanto, busca negar uma escrita pessoal, emotiva, de experiências subjetivas. Ademais, menos que uma tentativa de universalizar uma forma, é a negação de alguns conteúdos e temas, que somente são passíveis de materialização sobre uma estética Outra. Ao refletir sobre essas questões, utilizo a minha própria escrita para isso. Desse modo, escolho uma escrita epistolar, no sentido proposto por Deleuze e Guattari, como uma espécie de literatura menor, que se configura como escolha e posicionamento ético/estético capaz de fomentar a flexibilidade do processo da escrita e de cartografar algumas desestabilizações dos saberes consagrados, o que as epistemologias feministas permitem.

Palavras-Chave: escrita acadêmica; escrita epistolar; epistemologia; feminismo; subjetividades.

Resumen

La estética de un texto académico no refleja solamente nuestras influencias teóricas; ella es, ante todo, un medio de expresión. De este modo, la elección sobre cómo escribir un texto no está relacionada solamente con un molde exigido, ella también está basada en una biblioteca de referencias que vamos nutriendo. Al cuestionarnos sobre las influencias teóricas que fundan nuestros saberes, ¿encontramos en sus bases muchas mujeres? Y entre ellas ¿cuántas son negras? ¿De qué nacionalidad son? Y pensando en el género académico ¿cómo se comportan las minorías ante la exigencia de una escritura estándar? En esa estética, que también es ética, ¿qué se imprime/expresa de ellas? Partiendo de estos cuestionamientos como dispositivos, buscaré reflexionar en este trabajo sobre la escritura académica, enfocando en las implicaciones epistemológicas existentes entre la forma y el contenido. El género académico es técnico y regulado, y por lo tanto niega una escritura personal, emotiva, de experiencias subjetivas. Menos que un intento por universalizar una forma, es la negación de algunos contenidos y temas, que solamente son posibles de materialización sobre una estética Otra. Al reflexionar sobre esas cuestiones, estaré utilizando mi propia escritura. De este modo, optaré por una escritura epistolar, en el sentido

¹ Artigo apresentado no Simpósio Temático (Saberes de desaprendizagens, Artes, Gênero e Sexualidade) durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

² Doutoranda em Sociologia; Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná – PPGS-UFPR; Mestra em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora – PPGACL-UFJF; Coordenadora de atividades formativas e assessora de escrita acadêmica no Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica – CAPA – da UFPR; Curitiba, Paraná, Brasil; camilararezende@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

propuesto por Deleuze y Guattari, como una especie de literatura menor, que se configura como elección y posicionamiento ético/estético capaz de fomentar la reflexividad del proceso de escritura y de cartografiar algunas desestabilizaciones de los saberes, lo que las epistemologías feministas permiten.

Palabras claves: escritura académica; escritura epistolar; epistemología; feminismo; subjetividades.

Abstract

The aesthetics of an academic text do not only reflect our theoretical influences; it is, above all, a form of expression. Therefore, the choice for how to write a text is not only related to the required mold, but it is also based on a myriad of references we nourish. When we question ourselves about the theoretical influences that support our knowledge, are there women in their foundations? Among them, are there many black women? What are their nationalities? And, regarding the academic genre, how do non-centralized social groups behave in face of the requirement of a standard of writing? In this aesthetics, which is also ethics, what is impressed/expressed from them? In the present article, these questionings serve as tools for me to reflect on academic writing, focusing on the epistemological implication within form and content. The academic genre is technical and regulated and, thus, seeks to deny any writing that is personal, emotional, of subjective experience. Moreover, less than an attempt to universalize a form, this genre is the negation of some contents and themes that are only subjected to materialization over an Other aesthetic. To this end, when reflecting on this questions, I use my very own writing. Thus, I choose an epistolary writing, as proposed by Deleuze and Guattari, a form of minor literature, which is characterized as a choice and ethical/aesthetical positioning capable of supporting the reflexivity of the writing process and of mapping several destabilizations of enshrined knowledge, which is what feminist epistemologies endorse.

Keywords: academic writing; epistolary writing; epistemology; feminism; subjectivities.

1. Querida pessoa

Este é um artigo acadêmico, mas sua estética não é aquela que convence e fornece credibilidade através de um texto padrão. É um artigo que discute escrita e, portanto, é preciso apresentá-lo sob uma forma Outra. Note que as palavras epistolar e epistemologia presentes no título soam como algo complexo, mas não passam de uma Outra maneira de dizer que este texto é, na verdade, uma carta em que lhe conto sobre os processos que permeiam a construção do conhecimento e as desigualdades presentes nessa construção. A intenção é causar um afastamento das práticas automáticas de escrita e leitura acadêmica, a fim de compreender os bastidores que as constituem. Para isso, faço uso de uma escrita epistolar, pois dentro de uma cultura falocêntrica ela foi vista como uma espécie de literatura menor (no sentido proposto por Deleuze e Guattari), praticada sobretudo por mulheres. Penso também, que essa escrita nos aproxima, ao ler esta carta, você atribui sentidos a ela. Esses sentidos podem ser convergentes ou não, e não há problema nisso, pelo contrário: a potencialidade está na abertura e na imprevisibilidade da troca. Assim, cartografar os caminhos do conhecimento e dar-lhe um formato de carta me permite materializar um pensamento e, ao mesmo tempo,

refletir juntamente com uma epistemologia feminista a estética de inscrição e expressão do próprio conhecimento.

Por mais que eu tente seguir desviante nesta escrita, não posso evitar o uso de alguns padrões acadêmicos. Digo isso tendo em vista que a interpretação de um texto não convencional, que fuja ao cânone (cito o cânone acadêmico europeu e norte-americano como os principais), pode ser tanto compreendida como uma escrita revolucionária, de abertura, como também uma incapacidade da autora em executar um modelo, ou não saber escrever conforme a regra. Posso eu ser uma incompetente ou uma pesquisadora desviante que se interessa pela forma. No entanto, a verdade é que eu ainda estou presa às normas e dependo delas. Contudo, independentemente do rótulo que me defina, a questão que me atormenta é o COMO. A escolha de “como” escrever um texto. Essa escolha não está relacionada apenas a um molde que se é cobrado, ela está diretamente ligada a uma biblioteca de referências que vamos nutrindo. Essa nutrição alimenta um corpo teórico, um corpo textual e, sobretudo, o nosso próprio corpo. Nos alimentamos de escritas que elegemos como inspiradoras, propostas que admiramos, formas que nos tocam. Será que somos capazes de identificar a origem desses alimentos? Eles são provenientes de muitas mulheres? Quantas são negras? Quais as nacionalidades?

Gostaria também de lhe avisar que utilizo citações nesta carta. Sei que elas “estragam” a fluidez dessa nossa conversa. Mas elas também não deveriam “estragar” a fluidez dos cânones de escrita acadêmica? O que elas são senão partes de um corpo textual de um Outro, retiradas e jogadas em meio a um outro corpo que construímos? E o que é a paráfrase senão a tentativa de esconder o corpo do Outro com o nosso próprio corpo? Eu não gosto de paráfrases. Eu gosto das citações. Gosto da sua estranheza autoritária. Gosto quando ela diz as coisas por mim. Muitas vezes ela chega participando do texto sem nem ao menos ser apresentada:

Convencionou-se chamar uma certa escrita de “acadêmica” e elegê-la como a forma prioritária e reconhecida de expressão dos estudos e pesquisas realizados nas universidades. “Eu” escrevo, “nós” escrevemos ou escreve-“se” denotaria o estilo de cada um. Mas de que estilo se trata: linguístico ou ético? Na maioria das vezes a escrita “científica” deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teceu. As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados. (MACHADO, 2004, p.147).

Eu li esse trecho de MACHADO e achei tão bonito. Fui procurar quem era MACHADO. Machado era Leila, que também era Domingues. Leila Domingues Machado era ela. Nossas caligrafias se convertem nessa forma/estética/ética Times New Roman 12. Sou

REZENDE, não Camila. O que me imprime no texto? A reprodução de ideias de um Outro, ou a produção do Outro em minhas ideias? Quando me leem, como me imprimem-exprimem? Quando me citam, como me apresentam? Qual o espaço para a minha singularidade? Daqui para frente nesta carta, te peço que antes de ler as citações, tente imaginar as vozes propositalmente femininas, por detrás de sobrenomes masculinos. Tente imaginar o timbre das vozes que participam em nossa conversa. Vozes que não apresentarei previamente, justamente para lhe instigar uma curiosidade sobre as suas trajetórias, e uma reflexão sobre a frieza com que se dão os apagamentos da escrita acadêmica.

Quando Leila (MACHADO), em seu trecho, nos diz sobre os “erros” superados que não são mostrados na escrita, sinto-me levada para um longe dentro de mim mesma. Os meus pensamentos, lembranças e vivências se entrelaçam em um movimento de reviravolta contínua, selecionando tudo aquilo que sempre aprendi na carreira acadêmica a evitar e a não fazer. Aprendemos que o que é “supérfluo” e ordinário não é digno de preocupação e nem é legítimo. Assim vamos aprendendo a classificar e a hierarquizar a importância das coisas. Isso se reflete no processo da escrita, da pesquisa e da vida. Isso se reflete diretamente na produção, disseminação e assimilação do conhecimento. Quanto mais afastamos as banalidades e as emoções da pesquisa e da escrita, mais somos vistos como profissionais e competentes. Note também que não são todas as emoções que precisam ser afastadas, há uma hierarquia nessa lógica, que é uma lógica cartesiana. Existem emoções positivas e potentes para a ciência, como a emoção da descoberta, da segurança, do fazer produtivo. Em contrapartida, existem aquelas emoções que desestabilizam, emoções de insegurança, dúvida, emoções de um corpo que escreve em meio às crises políticas, pessoais e existenciais. Essas emoções não são bem-vindas ao fazer científico. Não é possível que você não sabe fazer pesquisa e escrever sem ser dominada por essas bobagens!

Chego a refletir também, que ter você como leitora ou leitor – não somente em meu imaginário, mas na realidade de intenção deste artigo – direciona a minha escrita, as linhas do texto, paisagens, caminhos e escolhas. É próximo ao que evidencia Foucault – que o olhar disciplinador do outro constrói meu próprio olhar e meu texto. Neste processo de construção não estou sozinha. Questões como: *O que você gostaria de ler neste texto? Quais critérios escolherá para o valorar? Quais potências deste corpo textual que crio são capazes de ir ao encontro das potências do seu corpo* – me acompanham. Não posso negá-las e nem apagá-las. Você permanece aqui no meu imaginário, acompanhada de tudo aquilo que se quer consigo nominar.

Neste momento do texto, compreendo o quão necessário e importante é te apresentar

como este artigo está organizado. Nele, busco refletir sobre algumas questões que me disparam interesse, quais sejam: sendo o gênero de escrita acadêmica construído (a priori) por uma perspectiva masculinista branca que idealiza o sujeito neutro e racional, quais as tensões que a epistemologia feminista gera neste formato ao tentar se materializar nele? A partir de uma epistemologia feminista, os temas (conteúdos) “relevantes” se modificam, mas será que a escrita (forma) continua a mesma? Logicamente, dado o caráter conciso de artigo, a proposta é refletir com essas questões e não respondê-las de maneira cabal. Elas são dispositivos para a construção deste texto, e não sentidos fixos.

Para isso, me apropriarei do método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este método foi sensivelmente perscrutado por Suely Rolnik e, por esta razão, neste texto utilizarei a voz dela (que antropofageia Deleuze e Guattari), porque muito me agrada o coro de três autores encarnado em sua voz feminina. Como define:

O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (ROLNIK, 2007, p.65).

Escrever um artigo, permear autores, leituras e discussões, transformar pensamento/conhecimento/ideias em texto não são para mim apenas transmissão e compartilhamento de conhecimento. É criação! Este processo consome tempo, intenção, corpo, pensamento, às vezes tiram o sono, gera insegurança, orgulho, ideias, reações. Este processo é também “alimento”. Assim como Suely cria essa paisagem do cartógrafo em busca de alimento, também a enxergo na mesma intensidade. Me alimento a todo tempo. Há alimentos dos quais não gosto. Há outros os quais não vivo sem. Alguns outros não me agradam tanto, mas são necessários para minha sobrevivência. Tantos outros eu amo... mas tenho de consumi-los com prudência. Este artigo se configura, assim, como um movimento de escolha e combinação: diante de uma vasta teoria acadêmica, uma quitanda de alimentos extremamente frescos para mim, qual combinação fazer? Quais misturas favorecem as intensidades que percorrem no meu corpo e quais vão ao encontro do corpo da escrita que pretendo entender e construir? E se me proponho a fazer esta mistura, qual o espaço para os alimentos isolados, intocados?

O caminho que percorro neste texto não é o caminho da objetividade e da linearidade. A escolha de autoras e autores e as possíveis relações com a escrita acadêmica estão conectadas às minhas experiências pessoais. Busco construir nesta escrita o processo

que me sucedeu: um amalgamado de novos conteúdos que se conectam e que criam um sentido próprio.

Refleti sobre isso durante um bom tempo. Compreendi e assumi que não é possível delimitar onde se inicia a ideia do Outro e onde ela termina no âmbito das minhas próprias ideias. Nossas construções teóricas iniciam-se já influenciadas pela leitura de outros sujeitos que se confirmam com nossas preconcepções. Percebi também que a escrita acadêmica canônica é “impositiva”, retirava toda a sensibilidade que adquiri no contato com essas novas teorias. Coube a mim, então, optar por uma escrita de desvio, para que a sensibilidade pudesse se materializar no texto. Mas essa escolha também traz consigo inúmeros riscos, entre eles, o de estranhamento. Uma escrita que não é diretiva e previsível, que caminha vagante como um rizoma, gera estranhamento e também uma certa sensação de inutilidade. Essa sensação pode ser provocada no leitor, mas antes de tudo, ela está em mim. Estranho a minha vulnerabilidade descrita na escrita e as minhas experiências expostas, começo a questionar o sentido, a intenção a finalidade de tudo. É então que percebo que a minha escrita está buscando uma desestabilização, desejando que a epistemologia feminista atue em sua materialidade. É a contaminação do conteúdo na forma. E mesmo que o conteúdo se apresente vagante, destoante, prolixo – ele não é em vão, pois esse vagar permite liberdade a forma, fazendo com que alguns outros sentidos possam ser disparados e também contemplados.

Quero, agora, compartilhar contigo o que sinto em relação a minha escrita e aos meus desejos acadêmicos: sinto que a cultura acadêmica, com suas “regras” e modelos do fazer científico, criados por homens brancos, a alta classe dos trabalhadores intelectuais, de países que já sabemos quais, me nega uma escrita pessoal, emotiva, de experiências subjetivas. Mas essa negação não é apenas uma tentativa de desvalorizar uma “estética”, uma forma, é a negação do próprio conteúdo/tema. O que quero afirmar é que ela embota minha singularidade e o meu dever. Ela me convence a todo o tempo da insegurança em optar por esse caminho desviante. Eu realmente escuto de forma clara essa cultura impositiva me falando: “Minha filha, para que você tá se prestando a isso? Você gosta de complicar as coisas, né? Gosta de chamar atenção? Só pode! Por que não para de fazer graça e faz as coisas da forma que têm de ser feitas?”

O problema dessa voz nem está no conteúdo que ela me diz. Está mesmo no fato de que é a minha própria voz, é o meu timbre que ouço, não o de outra pessoa. Por que eu devo duvidar dela? A verdade é que, na maioria das vezes, eu não duvido e nem questiono. Sigo o conselho, fico quieta no meu canto, jogo conforme as regras do jogo. Mas, isso começa a

refletir na existência. Começa a dar uns efeitos colaterais estranhos, difíceis de aguentar. Aí me questiono se aquela é realmente a minha voz. É então que entra a epistemologia feminista, que permite observar como venho me alimentando das teorias e como venho praticando a minha escrita, me mostrando a causa desse mal-estar: um descuido com a dieta de mim. Daí eu volto a me alimentar de textos e escritas compatíveis com meu processo devir. Eu começo a me questionar: para quem estou escrevendo? Para quem estou pesquisando? A quem a minha escrita interessa?

Trago agora Miriam para participar dessa nossa conversa:

[...] as pensadoras que colaboraram na famosa coletânea *Women's ways of knowing* (1986) identificaram dois modelos de conhecimento: o primeiro, que chamam de *separate knowing*, forma de conhecer o mundo privilegiada pela ciência positivista e pela epistemologia convencionais, a qual traça uma linha divisória rígida entre razão e emoção, assim como entre o conhecimento científico “objetivo” e impessoal e a subjetividade; e o segundo, que denominam *connected knowing*, no qual o conhecimento e o sentimento não são vistos como opostos no processo de apreensão do mundo. As emoções, além de muitas vezes serem aquilo que define nosso interesse em conhecer (de conhecer uma coisa e não outra, ou seja, de selecionar o objeto a partir do que é significativo para nós) e a fonte de nossa percepção, também podem servir como “teste” ou confirmação do processo de elaboração do conhecimento [...] A relação entre o abstrato e o concreto, o particular e o geral, é problematizada, com o particular e o concreto sendo também um ponto de engajamento entre aquele/a que conhece e sua própria subjetividade. (ADELMAN, 20016, p.100)

Esse segundo modelo de conhecimento, já sabemos ser aquele que é julgado como “menos” científico e isso se reflete diretamente na prática da escrita. A escrita/pesquisa emocional é compreendida pela epistemologia canônica como uma espécie de ciência “menor”, não objetiva. A partir disso me questiono: Como os grupos sócio-acêntricos se comportam diante da cobrança de uma pesquisa/escrita padrão? É padrão para ser universal e compreensível? Nessa ética-estética o que se imprimem deles?

Lori, ao refletir sobre as práticas textuais de um centro de escrita acadêmica de uma universidade estadunidense (criado com o intuito de auxiliar estudantes em seus processos de materialização textuais) chegou à conclusão de que os estudantes de grupos sócio-acêntricos – mulheres, negros, pessoas de baixa renda e não nativos – eram os que mais frequentavam o centro de escrita. Ela também observou, que a escolha por procurar ajuda no centro, já tinha sido feita antes mesmo desses estudantes ingressarem nas universidades. Pois esses grupos possuíam a crença de que teriam dificuldades com a escrita acadêmica, antes de experienciarem seus estudos. De forma a não reduzir e generalizar a pesquisa em grupos sócio-acêntricos versus homens/héteros/brancos/classe média alta, Lori se questiona se esse outro grupo não procurava os centros de escrita por conta de uma crença “vexatória” sobre

pedir auxílio no processo, ou até mesmo, a possível existência desse auxílio na própria família, uma vez que foram criados em um contexto onde o inglês acadêmico era comum (SALEM, 2016). (Repare que acabei de fazer uma paráfrase. Meu corpo de texto escondeu o corpo de texto de Lori, mas esse corpo estava em inglês, essa foi minha livre tradução, não seria então esse corpo textual uma outra coisa?).

Tendo em vista a perspectiva que Lori propõe em sua pesquisa, é perceptível a existência de uma cultura escrita que participa do imaginário científico e produz saberes. Assumindo que escrita não é uma mera transmissão de conhecimento, mas parte criadora de ideias e teorias, a sua estética é, portanto, constituinte de epistemologias. Pensar as práticas de escrita a partir dos feminismos e dos estudos interseccionais é possibilitar a compreensão tanto da constituição dessa “forma consagrada” do escrever acadêmico, quanto da constituição do próprio conhecimento.

Assim, estar aberta a uma teoria é não fixá-la. Em se tratando de teorias feministas e epistemologias feministas (e uso o plural exatamente para demonstrar a diversidade e as infinitas possibilidades de existências), fixar algo é exatamente praticar o movimento inverso ao que essas teorias se propõem. Tal como Miriam propõe:

Por outro lado, como Flax (op. cit.) e Barrett (1991) advertem, uma posição como a da feminist standpoint theory – que coloca as mulheres numa situação claramente privilegiada como sujeitos do conhecimento – tem também seus riscos, principalmente na medida que, paradoxalmente, acaba reproduzindo noções iluministas que afirmam a existência de (um determinado tipo de) sujeito privilegiado capaz de desvendar os enigmas e contradições da vida. Isto é, corre-se o risco de substituir o “homem racional” da tradição iluminista, ou o saber do ponto de vista do proletariado, segundo os marxistas, por um novo sujeito capaz de transcender as barreiras ao conhecimento, identificado agora com um (o) sujeito feminino. Ao criar este tipo de sujeito do conhecimento, homogeneiza-se as mulheres, como se houvesse uma condição feminina única que pudesse servir como o ponto mais privilegiado a partir do qual o mundo deve ser conhecido. (ADELMAN, 2016, p.101).

Essa perspectiva de Miriam é de extrema importância para as linhas de fuga que proponho nesta escrita epistolar. Não cair no lugar comum de eleger um tipo ideal de teoria, de sujeito e, sobretudo, de escrita. As minhas escolhas de abordagem não apagam as tantas outras infinitas possibilidades de caminho. Meu intuito é ser um sujeito (no meu caso uma sujeita) ativa, dona do meu próprio discurso. Não quero meramente reproduzir, usar o ctrl+c e ctrl+v para citar as autoras e autores, mesclar suas ideias e me encobrir por detrás das citações. Enxergo, portanto, neste caminho que escolhi, minha parcela ativa de criação do meu discurso – minha escrita política.

Trago agora João e Magda pra me ajudarem a explicar essa vontade de potência:

Nesse sentido, precisamos operar com um tipo de escrita acadêmica de modo a também empreender uma escrita-potência, ou seja, uma escrita que mantenha a intensidade de quando foi produzida, através da afirmação das experiências, dos encontros e dos desvios que ocorrerem no pensamento e na rede de afetos, no momento em que é lida; ou, ainda, uma escrita que resista e insista na produção de conhecimentos que afirmem possibilidades de variação da vida. (MACEDO; DIMENSTEIN, 2009, p.163)

Te pergunto: pode a sociologia, assim como a arte, nos fazer fruir a vida, captar nossa atenção do real e desestabilizar nossos processos subjetivos que tanto nos cobram uma construção linear e coerente? Volto agora às questões dispositivas que lancei no início desse artigo: quais as tensões que a epistemologia feminista gera na escrita acadêmica ao tentar se materializar nela? A partir de uma epistemologia feminista os temas (conteúdos) “relevantes” se modificam, mas e a escrita (forma), ela continua a mesma? Me propus a refletir COM essas questões, sem fixar respostas, e agora me questiono se consegui.

2. Caminhando para uma conclusão – ou um saber acabar na eternidade da finitude

Aprendi que a conclusão é uma espécie de “moral da história”. Os dicionários a definem como um ensinamento que se extrai de um texto ou fato. Geralmente, ela também é um processo de retrospectiva e condensação de ideias e/ou de abertura para outras. Gostaria de fazer uma mescla nessa minha tentativa de finalização: juntar o que eu aprendi que deve ser feito com o que eu gostaria de fazer.

Fazendo o que eu aprendi que deve ser feito, percebo que um dos processos dessa escrita foi a busca por uma desconstrução do conhecimento e da escrita canônica. Na desconstrução surgem os questionamentos, são eles que nos levam a observar os bastidores que compõem um trabalho acadêmico – sempre apresentado em uma forma pronta e acabada escondendo muitas desigualdades. Esses bastidores nos permitem desvendar as relações que extrapolam o texto, evidenciando as muitas camadas que constituem o fazer científico, entre elas as relações que estabelecemos com o mundo e como elas nos afetam. Percebo também, que meu interesse por escrever cartas é muito mais profundo que eu imaginava. Como afirmam Gilead, Márcia e Anita, é “um processo de uma escolha, marcas frágeis de uma forma de posicionar-se na vida” (TAVARES; MORAES; BERNARDES, 2014, p.16).

Agora, farei com essa conclusão o que eu gostaria de fazer: te contar o que pensei enquanto a escrevia. Primeiro, me questionei se minha escrita não se resumia a meros devaneios e abstrações, a desordens de ideias não explicativas. Algo que me expunha ao ridículo e retirava minha credibilidade acadêmica. Segundo, pensei que o texto não era claro,

onde estavam as minhas explicações sobre a escrita epistolar e a epistemologia feminista? Elas estavam muito soltas, alguns parágrafos parecem ser desconexos, não posso entregar este artigo/carta desse jeito! Preciso na verdade, refazer todo esse texto. Vou começar do zero.

Foi então que esperei alguns dias, retornei ao texto, e entendi que ao longo deste processo de escrita passaram-se dias, passaram-se experiências e eu também passei. Novos “eus” me habitam agora. Para evitar refazer tudo de acordo com o meu “eu” atual e reduzir essa escrita à apenas uma visão fixa do agora, a mais um trabalho pronto e acabado, resolvi deixá-la com essa instabilidade. Ela é instável pois é um processo, é um acontecimento – no sentido deleuze-guattariano – ela me nutre, me transforma, me conecta a um Outro. Entretanto, essa conexão não busca defender e instituir uma nova verdade, um Outro “modelo” de escrita substitutiva. Ela busca sugerir gentilmente, que a escrita seja pensada como uma tecnologia de si, uma prática formativa de subjetividades. Que ela possa ser refletida com emoção, pois não seriam os artigos, teses e dissertações extensas cartas em que escrevemos a nossa interpretação da realidade? Cartas em que buscamos materializar uma intenção. Cartas que escrevemos a nós mesmos acreditando que é para um Outro que não conhecemos.

Escrever é um procedimento e nunca sabemos como estaremos ao terminar uma carta. Nem como ela será recebida, em que velocidade será lida, ou mesmo se encontrará o seu destino. Cartas também podem ser rasgadas e nem sequer lidas ou, costuradas a si, vestidas a condição de tatuagens, de postagens fictícias de um tempo que não há mais, como nas fotografias, em que somos acostumados a receber a saudação dos entes já findados, mas que nos visitam em sonhos e devaneios. (TAVARES; MORAES; BERNARDES, 2014, p.16) ou (Gilead, Márcia e Anita).

Referências

- ADELMAN, M. *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2º Edição, 2016. 246 p. (Obra completa)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvin, 2003. 148 p. (Obra completa)
- FELSKI, R. *The Gender of Modernity*. Harvard University Press, 1996. 247 p. (Obra completa)
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução António Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Portugal: Passagens, 1992. 164 p. (Obra completa)

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 327 p. (Obra completa)

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. 434 p. (Obra completa)

IONTA, M. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 91, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100007/18395>. Acesso em: 8 jan. 2018. (Artigo em Periódico Digital)

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. *Mental*, Barbacena, v. 7, n. 12, p. 153-166, jun. 2009. ISSN 1984-980X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 Jun. 2018. (Artigo em Periódico Digital)

MACHADO, L. D. *O desafio ético da escrita*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 146-150, 2004. ISSN 0102-7182. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000100012&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 12 mar. 2018. (Artigo em Periódico Digital)

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina, UFRGS, 2007. 235 p. (Obra completa)

SALEM, L. Decisions...Decisions: Who Chooses to Use the Writing Center? *The Writing Center Journal*, v. 35, n. 2, Spring/Summer 2016, pp. 147-171. (Artigo em Periódico Físico)

TAVARES, G. M.; MORAES, M.; BERNARDES, A. G. *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: Edufes, 2014. 164 p. (Obra completa)